



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEdU

Nilcéia Pereira Kremer

POESIA:
UMA EDUCAÇÃO QUE ESCAPA

Caxias do Sul, RS.

2025

Nilcéia Pereira Kremer

POESIA:
UMA EDUCAÇÃO QUE ESCAPA

Dissertação apresentada à Universidade de Caxias do Sul-Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha de Pesquisa História e Filosofia da Educação, para obtenção do Título de Mestra em Educação.

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Regina da Luz Matos

Caxias do Sul, RS.

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

K92p Kremer, Nilcéia Pereira
Poesia [recurso eletrônico] : uma educação que escapa / Nilcéia Pereira
Kremer. – 2025.
Dados eletrônicos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2025.
Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>
1. Educação. 2. Poesia - Estudo e ensino. I. Matos, Sônia Regina da Luz,
orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

“Poesia: uma Educação que Escapa”

Nilcéia Pereira Kremer

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 02 de dezembro de 2025.

Dra. Sônia Regina da Luz Matos (presidente UCS) _____

Dra. Nilda Stecanela (UCS) _____

Dra. Verônica Domingues Almeida (UFBA) _____

Aos meus pais, que fizeram o que puderam, como puderam, e ainda seguem fazendo: minha gratidão e meu amor.

Ao meu companheiro de vida e de arte, Marcelo, pelas trocas e incentivo constante.

Aos meus alunos, mestres que tive da educação infantil ao ensino médio, agradeço por me tornarem ainda mais humana.

Aos colegas, pela compreensão e pelo apoio nos dias de escrita.

À minha orientadora, Sônia, presença constante, que forjou a pesquisadora e conquistou uma admiradora.

Aos professores do PPGEd/UCS, pela dedicação e pela crença de que a pesquisa e a educação podem ser arejadas por novos ventos.

Às professoras Verônica e Nilda, pelo olhar atento e pelas contribuições generosas nesta investigação, como integrantes da banca de defesa.

À CAPES, pela bolsa de estudos que tornou este trabalho possível.

A presente pesquisa foi realizada com fomento do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC), por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

*Se não existisse a possibilidade da poesia,
a gente já tinha naufragado.*

Ailton Krenak

*Entre o que vejo e o que digo,
entre o que digo e o que calo,
entre o que calo e o que sonho,
entre o que sonho e o que esqueço,
a poesia.*

Escapa (...)

Octávio Paz

RESUMO

A pesquisa “Poesia: uma educação que escapa” inscreve-se na Linha de Pesquisa História, Filosofia e Educação, no âmbito do grupo de estudos Pedagogia Crítica, Crítica e Diferença (PPGEDU/UCS). A investigação pergunta: Como mostrar uma poesia na educação? Com tal pergunta de pesquisa, se desenha um método pela poesia, atravessado por experiências da poesia pela arte-educadora, que escreve entre a literatura, a fotografia, a educação e os múltiplos espaços que a vida pulsa e borboleteia. A poesia não é apenas um tema, não é apenas método, ela também é tessitura e é acontecimento desta pesquisa. O texto da dissertação parte de um manifesto poético; é composto por cinco movimentos de pesquisa que estão expressos no sumário, expostos assim: I – Daninha: apresentação da cartógrafa e introdução da pesquisa; II – Fórceps: deflagração das inquietações do processo investigativo; III – Entre poética e poesia: Baila comigo, convite à dança poética da escrita; IV – Forjando a poesia: rastros conceituais que vagueiam entre poética e poesia. V – Devaneio Manifesto: Balada por nuestra poesia, composição de um dizer poético, político e que afirma a poesia em meio à vida. A

pesquisa responde à investigação ao desdobrar-se, mostrando que a poesia na educação escapa do constituído, esquiva-se da metodologia da rigidez, impõe-se pela tentativa de mobilização política. Ela, a poesia na educação, incontrolável, a fim de rasgar frestas, insinua-se às passagens em que vibre e se prolifere. Esta pesquisa intensifica e celebra as veredas abertas por pensadores e pensadoras que a antecedem, tais como: Corazza (2014, 2015, 2019) e Valéry (2025). O texto propõe um repertório de rastros de poesia, que desestabiliza, atravessa e inquieta, como presença sinestésica e óptica. Convida à leitura de um texto-poema, que faz desta pesquisa um rizoma entre ciência, arte, devaneio, manifesto e passagens.

Segue os links das apresentações de qualificação e de defesa da pesquisa:

<https://drive.google.com/file/d/Thjt-G8hvfMJcTh4VZ1G1jJCNMuvUjD-2/view>

<https://drive.google.com/file/d/IjniO4DHNBZFhZylq7PWSSqPmGZ2T5VJ/view>

Palavras-chave: Educação. Poética. Poesia. Pedagogia

ABSTRACT

The research Poetry: an education that escapes is part of the Research Line History, Philosophy and Education, within the scope of the study group Critical Pedagogy, Critique, and Difference (PPGEDU/UCS). The investigation asks: How to show a poetry in education? With this research question, a method through poetry is designed, traversed by the experiences of poetry by the art-educator who writes between literature, photography, education, and the multiple spaces where life pulsates and flits like a butterfly. Poetry is not just a theme, nor just a method; it is also the tessitura (texture/structure) and the event of this research. The dissertation text, starting from a poetic manifesto, is composed of five research movements that are expressed in the summary, presented as follows: I - Daninha (Weed/Vagrant): presentation of the cartographer and introduction to the research; II - Fórceps (Forceps): triggering of the disquietude of the investigative process; III - Entre poética e poesia (Between poetics and poetry): Dance with me, an invitation to the poetic dance of writing; IV - Forjando a poesia (Forging poetry): conceptual traces that wander between poetics and poetry.

V - Devaneio Manifesto (Manifest Daydream): Ballad for nuestra poesia (our poetry), the composition of a poetic, political statement that affirms poetry in the midst of life. The research responds to the investigation by unfolding itself, revealing that poetry in education eludes established structures, evades rigid methodologies, and asserts itself through the attempt at political mobilization. Poetry in education—uncontainable—aims to tear open fissures, insinuating itself into passages where it may vibrate and proliferate. This study intensifies and celebrates the paths previously opened by thinkers such as Corazza (2014, 2015, 2019) and Valéry (2025). The text proposes a repertoire of poetic traces that destabilize, traverse, and unsettle, manifesting as a synesthetic and optical presence. It invites the reader into a text-poem, which renders this research a rhizome between science, art, reverie, manifesto, and passageways.

Below are the links to the qualification examination and thesis defense presentations of the research.

<https://drive.google.com/file/d/Thjt-G8hvfMjCTh4VZIG1jJCNMwvUjD-2/view>

<https://drive.google.com/file/d/TjniO4DHNbZF1hZylq7PWSSqPmGZ2T5VJ/view>

Keywords: Education. Poetics. Poetry. Pedagogy

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1- A ESPIRAL	16
FIGURA 2- APNEIA	20
FIGURA 3- DANINHA ROMPENDO A ESTRUTURA MOLAR DO VASO DE PLANTAS, INFILTRANDO-SE	22
FIGURA 4- ARTIGO, COM INTERVENÇÃO, PUBLICADO PELA CARTÓGRAFA NO JORNAL PIONEIRO	26
FIGURA 5- AUTORRETRATO	29
FIGURA 6- ROTAS, NOTAS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	34
FIGURA 7- ARTIGO DE OPINIÃO, COM INTERVENÇÃO, PUBLICADO NO JORNAL PIONEIRO	39
FIGURA 8- FUGA	42
FIGURA 9- VALSA	50
FIGURA 10- DEVANEIO	62
FIGURA 11- O MANGUE	71
FIGURA 12- MULTIPLOS	77
FIGURA 13- DEVANEIO	78
FIGURA 14- MORTO VIVO	83
FIGURA 15- INSISTÊNCIA	95
FIGURA 16- OBRA	96
FIGURA 17- ESCAPE	101

NOVOS CONTORNOS	17
1. DANINHA	23
VIDA COMO POEMA	30
2. FÓRCEPS	35
INQUIETAÇÕES, LHES SOU GRATA!	43
3. ENTRE POÉTICA E POESIA: BAILA COMIGO	51
4. FORJANDO A POESIA	63
TERRITÓRIO DA POESIA	72
5. DEVANEIO MANIFESTO	79
BALADA POR NUESTRA MORTE	84
6. A POESIA ESCAPA	97
ADVERTÊNCIAS	102
REFERÊNCIAS	123



Figura 1 - A espiral
Arquivo pessoal da autora
Autora: Milcêia Kremer

Os chineses evocam boa jornada ao colocar na boca de seus mortos pérolas, objetos tidos como joias, joias que reafirmam a dureza, pérolas produzidas pela fricção de grãos de areia no interior do molusco que, em movimento de defesa, envolve a areia em camadas de bicarbonato de cálcio e nácar. Os chineses sonham de olhos abertos com o processo de produção da pérola, gerando uma aurora boreal de tons sob a delicadeza nascente da brutalidade.

Este trabalho de dissertação em Educação é sobre pérola e brutalidade, sobre circunstâncias e processo, sobretudo sobre processo.

Sobre o poema na busca de forjar a poesia a partir das circunstâncias cotidianas, na errância, no ritmo da não organicidade, no desvio do pensamento institucionalizado e na depuração da educação.

Sobre o poema na busca de forjar a poesia apesar do habitual, da mordança imposta pelos ponteiros. Pela poesia que alimenta e traça novos contornos, no tensionamento da palavra educação.

O problema que dita o ritmo deste texto nasce de ebulições que questionam as institucionalizações como rede de capturas e afogamentos: Como mostrar uma poesia na educação?

Poesia que se faz ramificações que transitam por praças, bibliotecas, cafés e toda sorte de espaços. Com nosso corpo compondose e recompondo-se em sinapses individuais e coletivas, em espaços de sucessivas tramas no contínuo.

Na espiral do método-poesia, daí a escrita sempre em processo, sem começo e sem fim. De uma indagação que trabalha com vestígios, disparados pela urgência ininterrupta e indissociável da vida da cartógrafa, que toca muitas margens e que ecoa em muitas (g)estações. De uma investigação que navega em outros mares possíveis, ressoando a multiplicidade e a interdependência tentacular. Onde corpos, gestos e memórias se entrelaçam e projetam modos de presença poética. No encontro entre o humano e o mundo, no instante em que a educação se torna invenção; e o poema, experiência política e vital.

Vestígio para o infinito

Xícara de chá, desinflamar, detectar coexistências.

Poesia e educação, sobriedade e devaneio, a dureza da vida osso que escapa feito areia entre os dedos, a feitura do que nunca é, o que sempre é passagem.

Xícara de chá, desinflamar, detectar coexistências.

Bruxa, santa, puta, professora, escritora, performer, atriz, aluna, mulher, companheira, amiga, pesquisadora, cara e coroa... joguem a moeda.

Xícara de chá, desinflamar, detectar coexistências.

Lendo a borra do café, o tarô, previsões astrológicas, dedos mínimos e mãos calejadas, a imprevisibilidade da estrada, leis que não servem a quem necessita, atentados ao parlamento, atropelamentos em quadras de esportes, o sinal de pisca inutilizado, vozes inaudíveis, vozes cristalizadas, vozes em espiral, vozes emolduradas, vozes ininterruptas (agudas, graves, semitonadas...) vozes.

Xícara de chá, desinflamar, detectar coexistências.

*Urgências, calamidades em circuitos fechados,
fendas, senhas, rachaduras, devires
entrecruzamentos.*

zero.



Figura 2- Apneia
Arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer

Apneia

*quando criança
ela enchia a pia do banheiro de água
respirava fundo e mergulhava a cabeça
ficava sem respirar
pelo máximo de tempo
que coubesse em sua contagem
depois
levantava o rosto com ar de vitoriosa
olhava os espelhos e curtia a água
escorrendo na pele
lavando sua sede de mundo
tomava fôlego e mergulhava novamente
ensaiava pra vida*


Nil Kremer



1. DANINHA

*toda erva
mal dita
à margem
espontânea
que credita ao solo qualidade única
ou denota qualidade única do solo
germina em quase todos os substratos*

*acho que sou erva
acho que sou daninha
de nascença*



*Figura 3- Daninha rompendo a estrutura
molar do vaso de plantas, infiltrando-se.
Arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kramer*

*quantas vidas se vive em uma vida?
de quantos abismos ressurgimos?
quantas amálgamas rompemos?
de quantos pedaços de asteroides nos
compomos?
e há quantas miragens renunciamos?*

*daninha em corpo nômade
forjado por memórias e atravessamentos
binários
da orbe doce e deplorável
cravados nos gestos, olhos
nas mãos que digitam dissertações
nas lembranças que constituem foz
por vezes, vórtices à lá lansã*

*daninha da escrita
inscrita em fúria e delicadeza
a golpes de machado
ritmo e eco visual
auditivo e cinestésico*

*daninha da escrita desmedida, sem régua...
no encaço da captura
e na transa(ação) da liberdade
na trilha das fusões, fases coexistentes
na ciranda da existência
em territórios de inquietude
e tentativas de dobras
no encaço de atmosferas poéticas*

*daninha da escrita rasura, fissura em extrair
em rastrear na educação
o poema subjacente
esculpido em vidas
daninha do traço trêmulo, periférica
a se esgueirar gerando radículas
transpassando as máquinas
oleando a ferrugem
afugentando o conformismo*

*daninha do chão quebradiço
em que se anuncia a pesquisa
como vento burlando portas
na poesia que não revela o poema adorno
na poesia que se faz presença
em cada gesto, em cada problema irrompido
na educação, nos interstícios*

*daninha a extrair a poesia
destilada nos atravessamentos
que multiplicam e expandem
que na hipótese abre modos
de pensar
de existir
de sentir
de inventar resistências
de fortalecer potências*

*daninha da poesia que
contamina o pensamento
que respira o inconformismo
que diante do abismo
forja o seu próprio voo*

Cartas dos meus alunos

...A KRE...

...é sábado...
Me deu o dia...
na branco...
tracando...
da Trilha...
uma se...
nos...
nossos...
encontram...
travessame...

...ou conexão é...
...e erga, com...
...indicação...
...visão...cancão...
...para cada...
...sossincrasia...
...ou...
...dificuldade...

...em branco, te...
...diário...
...essibilidade...
Hoje f...
debru...
an...
de...
...as, como...
...rosas, sorrisos,
...de duas e de d...
ela des...
planeja...
vocês s...
afirm...
facil...
qu...
...ato de at...
...adequado...
...udam a p...
branco e...

...meu desafio é o de despertar
...desejo, de instigar o interesse,
...de despertar...
...acima de...
...o nosso elo...
...colorido, com...
...de jornalismo...
...me fo...
...reguntas da...
...quare...
...Cada...
...que a...
...reforma...
...meu op...
...nos...
...mensagem...
...como...
...de sa...
...perro...
...judo bo...

...e, talvez...
do mundo...
que...
...meu dia...
...no mais do que...
...a coração é que...
...um thund...
...além do...
...captar cada...
...erasia,
gosto ou dif...

...acréscimos...
...mais do que correções ou
...esclarecimentos sobre conceitos e
...regras, os corações feitos com as
...mãos, nossos risos...
...são bálsamo...
...beijos...
...hoje
...temos pais, cada vez...
...próximos, seja em troca...
...mails...
...contribuindo em busca de
...melhoras constantes. E sou grata...
...entendendo
...que juntos...
...desbravaremos este...
...mente novo, em que teus e
...teclados...
...estes instrum...
...sem peitos que...
...crústias divididas, sem o desejo
...travessarmos esta onda
...somos conectados.

Figura 4 - Artista, com intervenção, publicado pela cartógrafa no Jornal Pioneiro Quarta-feira, 22 de abril de 2020. Autora: Nilcéia Pereira Kremer

*arder...
nascidos do gozo
embebidos na dor
com uma certeza carimbada
um delírio é o que somos
mais nada²*

*daninha periférica
orbitante por universos (dispersos, díspares)
em escombros indecifráveis
traduzidos em dança, teatro, cinema
no poema_um grito!*

*na educação
em ritos cerzidos por transição
tecidos em não matéria³*

*“(...)Entre duas notas de música existe uma nota,
entre dois fatos existe um fato,*

*entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam
existe um intervalo de espaço,
existe um sentir que é entre o sentir
- nos interstícios da matéria primordial
está a linha de mistério e fogo
que é a respiração do mundo,
e a respiração contínua do mundo
é aquilo que ouvimos
e chamamos de silêncio.”⁴*

*é neste hiato que a daninha rasga o chão
neste habitat impróprio*

*é neste silêncio a rugir
que a poesia se esgueira vibrátil
contornando e deslocando
em fluxo contínuo o incapturável
fragmentado em desejo*



Figura 5- Autorretrato
Arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer

Vida como poema

*aqui o gênero se desfaz
e o que era conceito e ideia movimenta o indizível
realiza ações, persegue vestígios*

*aqui o gênero se desfaz
esta escrita é artilharia aérea,
terrestre, atmosférica, líquida
e se liquefaz em transitoriedade e névoa⁵*

*aqui o gênero se desfaz
importa indícios de sangue, ossos, do que se materializa atração entre o profano e o sagrado*

*aqui o gênero se desfaz
ao espreitar forças com a languidez do felino
em cultivar a astúcia
em desvelar a imanência
o gênero aqui se desfaz na arteira
na teia tramada em constância
em trânsitos de espaços inóspitos
nos subterrâneos, em micro terrenos*

*o gênero se desfaz na artéria
sob alta resistência
insinuando-se vagante, desterritorializado
nos trajetos que se bifurcam
na sede que nunca cessa*

*o gênero em estado de redenção
não se satisfaz em decifrar signos
platonicamente dogmáticos e ortodoxos
cigano, compreende que
dois mais dois são mil
que no fluxo dos encontros, o tear se move*

*nos entrecruzamentos, nas proximidades
no que move a ler, escrever, atuar...
na transcrição⁶
do código que já vai
a não-fronteira
ao espaço aberto, indefinido:*

*pense campo aberto
sol lambendo o corpo*

*e você canto de pó
pluma bailando em compasso rasteiro*

*imagine dinheiro sem valor
um corpo na grama
olhos cheios de céu o azul por cobertor*

*aqui se faz
idear a inundação do olhar
que transpassa números de identidade
que transborda crítica e claridade*

*aqui se faz
da existência celebração
da subjetivação produção da vida
vida como obra de arte⁷*

*aqui se faz desabitar
para alçar passos longos pelo inusitado
de um trajeto titubeante e criador
avesso aos muros de nós mesmos⁸*

*aqui se faz
oscilação e incoerência
próprias de quem busca o que pronto nunca é
de quem anda com os pés no céu e mãos no chão
de quem contramão já tentou ancorar*

*aqui se faz
soprar o pão de João e Maria
seguir os farelos no Katrina⁹
doar spray de pimenta às meninas*

*aqui jaz
a ingenuidade perene
gemidos estrangulados dados ditos certos
aqui jazz
veios, vertentes
transe, improviso*

*aqui se faz
cartografar na escrita o desvio
maquinar uma poesia na educação*

DEXISTENCIALISTA
FOSHIVISTA

Como chegou neste momento
deu quem, pegou quem de quem.
Como funciona está cartográfico

Como funciona - (SEM QUAL)

RIGOR

Reivto Alegria - (SEM QUAL)
Autores e
Onde estão.

Procedimento

Poética

Na parte tal e
tal e tal

HANNAH
FILME

ARTIGO
DEFESA
DEFESA!

CHEKLIST
LVER O QUE FAZIA

que bom dia → Claudio para educação

Pre algum que não é de parte educação
Pre algum que não é de parte educação
Qual a parte de parte
onde está os partes
onde está os partes

ONIRAC - AATA

CARTA DE RECOMENDACAO
de

COMBATE AO FASCISMO
SONIA EM COPA

PROJETO
de

ONIRAC

ONIRAC - AATA

PROJETO

2. FÓRCEPS

Figura 6- Rotas, notas da Pesquisa em Educação
Arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer

*previa do que se tratava o mundo
resistiu até o último segundo...*

*nascida sob a prerrogativa do fórceps
e seduzida pela fruição*

*daí a importância do entre
na sensibilização,
que só a provocação
o questionamento mobiliza*

daí a ruptura dos vestígios de capturas

*esta escrita versa
o que a antecede em poesia¹⁰
tarja branca em palavra e corpo
atento a “tradução corporal”
esta escrita declara
protocolos sussurrados
corredores alinhados
em silêncio
trajes padronizados
como sinais de adaptação
frestas de luz
onde a teias se espraíam
esta escrita forcéps
não arranca, abre espaço
entre cadernos e horários
entre a ordem e o possível
entre o que vejo e o que digo
sigo*

*na escrita deflagrada em movimentos contínuos
de composições físicas
que, nunca são só físicas
no encantamento que o teatro pariu
da atriz, da poeta, da performer, da produtora, da educadora...
da mulher que habita a poética e por ela é habitada:
eu não escrevo
arranho inconstâncias
tento tocar o céu com a língua
o zarpar
o risco
um pintassilgo liberto
na tortuosidade do horizonte
escrever é pôr pelos em pé
um beliscão no peito
lamber a umidade da palavra
que queima*

*não quero a palavra embaraço
em ranço de carolas
nem a palavra esmola
salpicada de piedade
quero o transe
o despenhadeiro
um Kilimanjaro que me atravessasse¹²*

*na pesquisa, no que corporifica
no que edifica, no que nos torna avalanche...*

*esta escrita celebra
a história inventada pela criança
que não sabe ainda ler*

*esta escrita é sobre
a venda, venda, venda...
do final feliz
propaganda de margarina*

*é sobre as relações de poder que nos seguem
no hospital, na escola, na academia, na sexualidade, na loucura⁷⁴*

*esta é a escrita
de uma pesquisa que faz poesia
é sobre munição
sobre estratégias que inauguram a crença no mundo
que desafiam a folhear as diversas camadas de leitura
que explodam alicerces vazios a que somos impelidos
esta escrita inaugura o processo como referencial
converte o resultado como espiral
em fluxo sem bordas, navegação infinda*

*esta escrita inaugura o processo como referencial
converte o resultado como espiral
em fluxo sem bordas, navegação infinda*





Figura 8- Fuga
Fotografia do arquivo pessoal da autora.
Autora: Nilcéia Kremer

inquietações, lhes sou grata!

*esta escrita é gesto que declara nossos tiques
reações sutis e efusivas
o que contemos e o que nos contém
as heranças mal quistas
as pistas em encruzilhadas
as giras, as pombas
o rubro*

*todo gesto arrepia
e ao negar que fungamos e que
nos a habituamos a arrumar o cabelo atrás das
orelhas (de forma única)
ainda que seja um gesto fugaz
que apraz o nosso caos*

*ainda assim
negamo-nos, por vezes, coisificados
como sardinhas na sua bela lata de molho
capturados até os ossos
afogamo-nos
permitimos que o sabor funda-se aos conservantes
na morte em
vida
esta píton
enrolada no pescoço
que vai apertando
devagarinho...
devagarinho...¹⁵*

*este poema ponta de lança traça rotas do imprevisível
desvela o fascismo
tecido na conduta social castrante
esta escrita labiríntica*

*incita ao nonsense
declara a poesia como política
escancara insurgências que emergem
da ardência, na derme (infiltrações microfascistas) expõe que,
ainda que passe a onda
o maremoto é sempre evidente*

*esta escrita é deságue, anti receita
é poesia associada à vida
é ode ao desejo liberto
em devir⁷⁶, vigor e resistência*

*ao se municiar da poesia
ao traduzir-se em colírio
em lirismo que queima o peito
ao provocar a artilharia de um vir a ser*

*ensaio formas de fracassar
porque desde sempre pressenti*

*desde o fórceps
desde que na periferia me criei
desde que compreendi que a colcha burguesa não é
de retalhos como a minha (…)*

*que mais que intenção
é necessário unhas afiadas
sangue que borbulha
e agulha para coser-se¹⁷*

*esta escrita é colete salva vidas
um convite a esfregar os olhos
como o primeiro gesto da manhã
de um amanhã em que pese o diálogo
entre prática e teoria
como via viável*

*esta escrita é direito e oportunidade
é acessibilidade*

*é amar o que se conhece
é desbravar o desconhecido
é a dimensão da necessidade do con(tato)
é a poética¹⁸ em ebulição
que forja ranhuras
que nubla projetos de captura*

*esta escrita é sobre ruínas de um presente abortido
é sobre o temp(l)o de proclamar
a poesia de guerrilha¹⁹*

*esta escrita é sobre o direito à alegria
como desejo incapturável
como experiência primeira*

*é sobre a xepa, a feira
e as incongruências que banem o sensível do humano
sobre os diagnósticos
e o rigor em categorizar olhares diversos como*

transtornos

leia-se: destoam do entorno molar²⁰

esta escrita

profusão de peleja, testemunho e ato

de fato condena o encapsulamento

a lobotomia, a rigidez

uma vez que, muitas vezes

a linha de produção não abre mão

de seu aparato maniqueísta

de que se vista com um nome que não é seu

de cheiro outro, aroma inventado

de que errado seja não pensar igual

de que tal sobrenome advém de tal família

de que ilhas e ilhas e ilhas...

esta escrita soa a cliché

como a vida ladeira abaixo

*pisando em metáforas incertas
degrau por dê graal
no corpo aceso de Madalena*

*à deriva, na loucura, no despertencimento
no sintomático o'caso
no movimento da rebelião
em forma de fragmento
em culto do mal
em sal e sol
epifanias de serpente, águia e onça
que troça do bendito, retalha o mito
e cala o berrante*



*Figura 9 - Valsa
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer*



3. ENTRE POÉTICA E POESIA: BAILA COMIGO

*o poema se faz de céu e lume
de pedra a britadeira
espinheira santa, o poema
recorte de veias expostas
avança no torpe desta era
destrona a geleira dos sem sangue*

*o poema mangue, encharca
tenro, verve, leve e denso*

*o poema, este ser propenso
ao que borbulha e devora
revira horas, noites, fontes
se fortalece entre abismos*

*o poema emplastro, rastro de cura
desliza entre liquens e metamorfoses*

*se erva cidreira
beira a pão dormido, desassistido
morre à míngua o poema*

*solo instável, pistas para o devir
que não veio*

*não parte, quem é inteiro
desde vinte e dois de dezembro
de dois mil e vinte e um
não parte, sê inteiro*

*abaixo as máquinas e tubos
respirar é dádiva
na poética²¹ que oxigena as células
no bailar irremediável
no verde olhar faiscante, ímpio
ao tempo do amor*

*nada escapa a quem é voraz
e devora contos e romances
e inventa palavras como quem constrói um souvenir:
artistagem, escreteiras, artistar...²²*

*nada escapa
a quem promove saraus
mostras e intervenções
a quem sonha artistar a docência²³
e instiga a sair da ingenuidade e do salvacionismo
de quem prima pela poética*

nada escapa a quem transcria
cultua exames de livre pensadores
alimenta o humor sarcástico
próprio de quem sonha com pés no chão
de quem vivifica a educação
de quem atravessa legião de monstros e demônios
a espreita do avesso de palavras
na língua arguta ao afirmar:
“decifra-me ou não conseguirás seguir comigo”²⁴
ninguém sai incólume a Esfinge
as suas dobras vertiginosas
que em imanência²⁵ discorrem sobre a vida escritora²⁶

nada escapa
as metamorfoses, casulos, asas, novos voos
arrebatamento da educação
na tradução²⁷ afetiva
que se efetiva no desnudamento

*do ocultado pela maquinaria do burocrata que vê identidade, função, perfil
que rumina mil demandas sistemáticas*

*que desde o Brasil colonial
pensa a educação como produção em série
de peças com encaixes*

*o sonhar de uma nova órbita,
de um roteiro, notas, fragmentos, cacos
da poesia
de um poema...*

*para a educação, a poética de Corazza
desafia-nos ao combate temerário e notável⁸
transgressor*

*em meio a objetividade de um mundo imutável
em meio a capturas voluntárias e involuntárias*

transgressor

pensar a educação que sensibilize

a poesia²⁹ que instigue

a imaginar novos mundos

corrompendo os umbigos

transgressor

ao transbordar signos transversalizados em velocidade infinita

ao recriar o que já não é

ao traduzir a partir do que é

ao gerar redemoinhos

ao tramar o rizoma³⁰

tensionar na dobra poeta/educadora

a amplitude de percepções

que a vivência poética infiltra

ao combater a existência neoliberal

*sim, saber-se pô
também é desabrochar*

*é transgressor viver em bando
sonhar a educação como uma grande aventura
de que ninguém sairá safo
seja da fabulação³¹ poética
seja em existir poeticamente*

*de burlar a competitividade³²
de lutar com que assola a vida na superfície
com seu ar rarefeito
de flagrar o pódio, como a mentira que é
irromper o signo como imagem patenteada
que contém habeas corpus em suas porosidades
condensações, relevos e funduras*

*na geografia que revela o condicionamento
o pertencimento ao universo autômato
é temerário e notável e transgressor
a poeticidade empregada no ofício
seja qual for*

*na docência, bala certa
a errância é a maneira
do entre manifestar-se*

*ah! é transgressor
fluir com o improvável
com o cognitivamente não codificado
na poética que ressoa, enraizando-se
nos que por ela são tocados/afetados*

*educação é vida
a poesia, assim
dita o ritmo da ação*

da pulsão³³ de vida/morte

*não apenas sofrida, mas tomada
em goles de movimento heterogêneo
legítimo, ou não obstante
da morte renunciada
de quem existe
de quem persiste
em decalques pré fabricados*

*vestindo a gramática
como uniforme
andando em filas
de substantivo e verbo
carregando no corpo
o peso dos binários
até que
a palavra de ordem se torne carne³⁴*

*com marcações prontas, falas digeridas
e reproduções a contento do contratante
desde a tenra idade
a promiscuidade do decalque imposto
em projetos que confundem poética na educação
com mimetismo, com panem et circenses³⁵*

*é transgressor
propor tradução como poética crítica
expressa em paralelismos das materialidades
por ineficiência da decodificação da sentença*

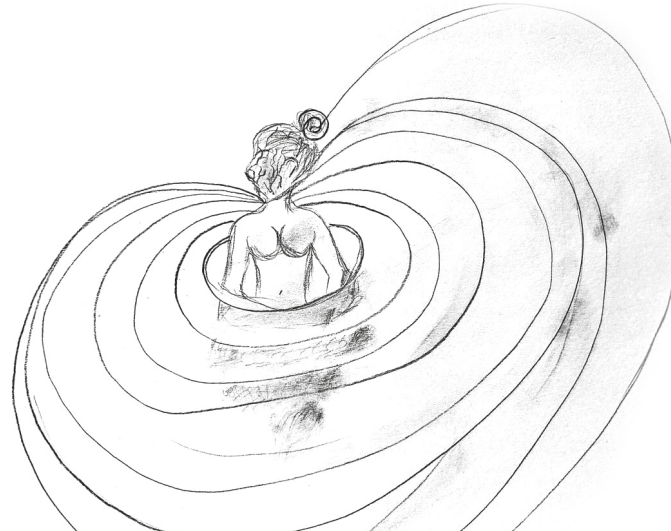
*é transgressor
colocar em xeque processos civilizatórios
rótulos e condicionamentos impostos*

*operar como torvelinho
que antes tira do chão
para então espraiar novas raízes
para então artista³⁶*

baila comigo!

*vamos confrontar percepções aprisionadas
sublimarmos aparatos que nos bombardeiam
produzirmos rastros singulares*

*desvios das rotas institucionalmente demarcadas
arbustos subterrâneos³⁷ propensos ao poder da criação
traduzirmos a poética que nos sorri descompassada
atravessando o torpor
ecoando em sons, formas, cheiros e temperatura
ecoando em fúria
pássaros que morrem em pleno voo
permanecem ponta de lança*





*Figura 10- Devaneio, Frame do vídeo poético “forjando a poética”.
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer*

4.FORJANDO A POESIA

*“Não dá para amar se não for para cantar sem regras
a música mínima que atravessa a luz
O que se precisa é de água, de vento, de gritos soltos
Todo e qualquer utensílio anti-gravidade
Para perder chão, os remos, o rumo, as raias
Corpo salta, sobe, sente sede Sabe o sumo
Daquilo que não pode ser dito
Ainda que besta, ainda que vão.”³⁸*

*a estrutura, este polvo
com sua ineficácia
com seus tentáculos meritocráticos
com a estatização de reformas
com a sua moral raivosa
com o seu aparato entranhado*

*a estrutura e sua ineficácia
nas conservadoras certezas
na impureza, na perversão
resultante de excessos
do colapso
de meios dialéticos
a verdade reativa
que indica evidências vãs
em meio ao revisionismo*

*esta traça desgraça
inútil parasita*

*do que à vista se alimenta
seja da meta da poeta
seja da poesia cultivada*

*persegue, cão perdigueiro
a potência que crepita
na fagulha do instante
que escapa*

*devora o prisma afirmativo
no cravado em números ordinais
de um cais que não existe*

*na liberdade, que é pouca
no inominável desejado
na geometria ideal
na areia movediça
no cimento, na impureza, na perversão
o perigo, a rachadura*

*fenda para o abissal
verdade, ruído³⁹*

*na luz que a fenda perpassa
a tradução transcriadora⁴⁰
território de passagem
outra margem desdobrada
terreno desértico⁴¹, poético
lobo da estepe devir*

*a poética de existir
em espirais de criação
remontam a tradução
do que ainda não é
do que está sendo
do entre*

*de tropeços e portos
compus meus destroços*

*e ainda que
mil vezes
eu venha a dar com a cara no chão
meu coração inquebrantável
resistirá margem farol*

*evocar a poesia⁴² na educação
sobreposta aos polígonos
rasurar signos
em linhas errantes de invenção*

*abrir alas ao desejo
aos lampejos de delírio
escavar linhas de fuga⁴³
abrir caminhos*

*importa hoje (20/10), dia do poeta
uma meta inquebrantável
destas que as benzedeadas impõem*

*com água e arruda nas mãos
em que o invisível torna-se crível
pelo poder da tradução*

*em que a educação, como arsenal poético
conceba o corpo inundado por devires
em que
se aborte a personificação do conhecimento
em que o rigor seja em ser
em transmutar o compulsório
expropriar o medo do êxtase*

*“piro” em minar de poeticidade a ação
delatada no corpo transbordamento
visto para o luar de brechas
pintados nos azulejos da constância
entre o Caos: matéria crua
invisível, indescritível
reinando desde a eternidade*

*como não corpo pulsante
qual a pedra de Drummond⁴⁴*

*a vida em devir
natureza em devir
homem e mulher
queer⁴⁵ em devir
para então o devir cisão
gerar lastros de sombras
a imputação dos corpos
aos códigos do mercado
a necessidade de ser sentenciado
por ser a verdade manifesta
com o assombro da descoberta
como embate as simetrias
como via de anti coisificação
pretensão do bom combate
em que pese a poética*

como plano de operação

*em que pese uma poética experimental
avessa aos abismos que paralisam mutações
de relações interculturais⁴⁶*

*em que desabe a torre de babel
em que a diferença empunhe a poesia
em que se experimente novas linguagens
em que o fresco sabor de câmbios
deflagrem um corpo crítico-seletivo⁴⁷
num deserto*

*sem caminhos riscados
em marcas provisórias
nos afetos, à deriva
extraio poesia
na pedagogia do nada
onde o possível se insinua*

*Figura 11 - O mangue
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer*





Território da poesia

*que infiltre-se a poesia
no senado, no teatro, na cozinha
no ato corriqueiro de
comer, lembrar, amar...
que infiltre-se na fila do SUS
na farmácia, no ônibus lotado, no templo
na praça, na trilha, no calço
do que cotidianamente
torna-se laço ou ruptura*

*em caminhos por pedras miúdas
na pista do livro que inspira
no bar, na calçada, no fio⁴⁸...*

*“Sê bamba menina
entre uma esquina e outra
há universos*

*loja de flores
calçada fede urina
uma criança brinca de puta*

*equilibre-se menina
se tua sombrinha não falha
essa navalha vida
corta e dói menos”⁴⁹*

*há a poesia que encharca becos, ruelas
celas que fedem a ódio*

*há a poesia
do monóxido de carbono
do abandono a nível planetário*

*e há a educação do consumo
do insumo estratosférico
do paupérrimo e do luxo
há a educação do meme*

*das redes indissociáveis da vida
da fúria que educa*

*há a poesia rachadura
do cimento mal curado
no desvio, desmando
ao dissolver a planilha*

*que a poesia abrigue a criança que nos habita
e que grita, grita, grita...
por ser escutada*

*que seja veredas
que plante asas, que acolha a falha
mãos, várias vias*

*em que o tropeço seja a medida
em que a linearidade seja interrompida
em que a poética seja experimental*

*e que
na estratégia da dobra
a poesia tire a educação para dançar*

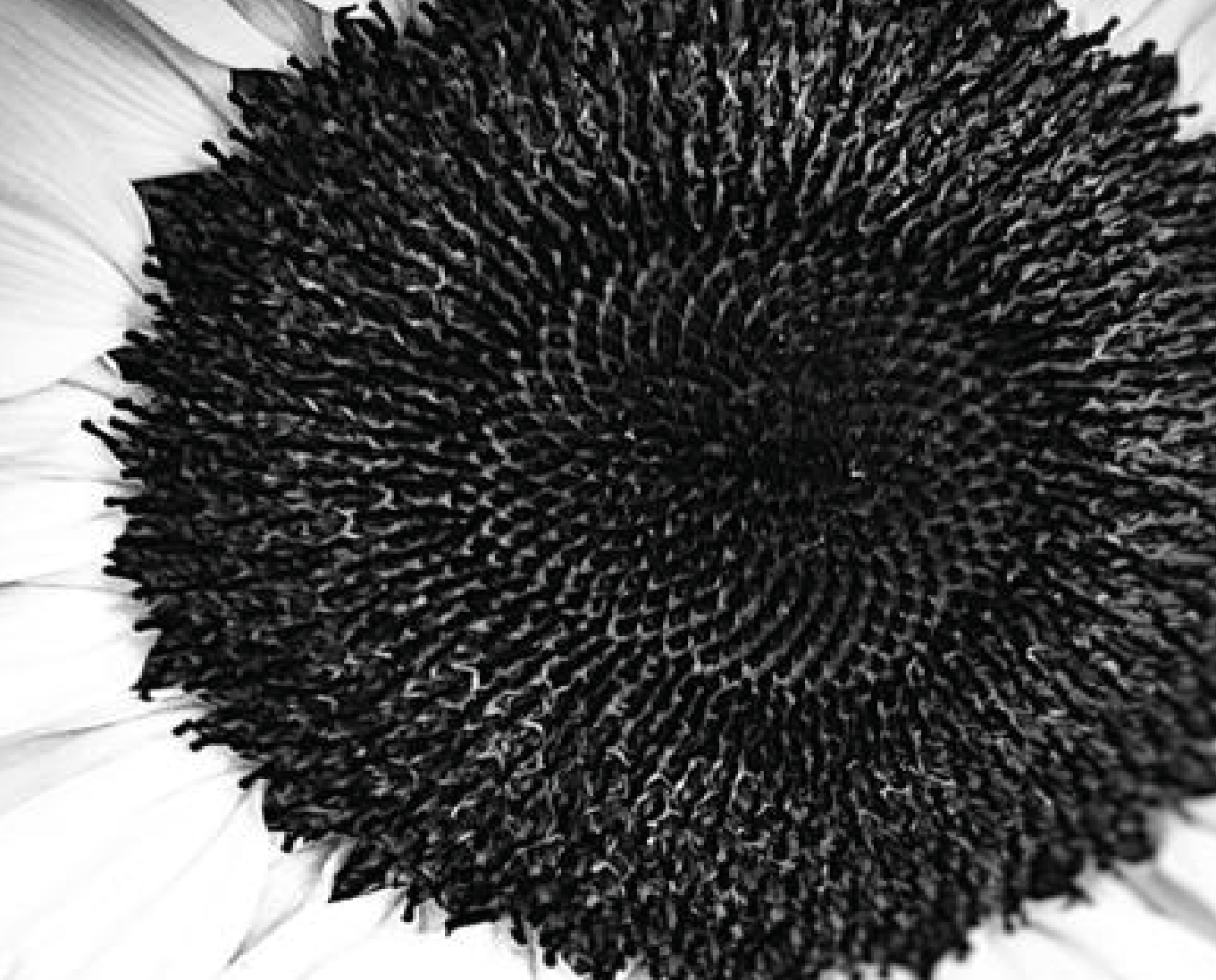
*e que
na curvatura
redesenhe o tempo
com linhas tortas
e quererres oblíquos
na poesia do método
não de ensino
de fuga
do número
adiando o fim*

*na poesia fluxo
em que reste a poesia
quando tudo for ruído
e ainda que o horizonte desabe
que seja ela*

*a poesia que escapa
pelo desvão da cacofonia
a parir música
na educação insiste
feito fenda, feito repique
feito clarão*

*sobrepondo-se a trajetória
a trajetória de nós*

*em múltiplos
que se espalha, que se mistura
que escapa pelos cantos, pelas frestas
que nos atravessa
e desdobra-nos*

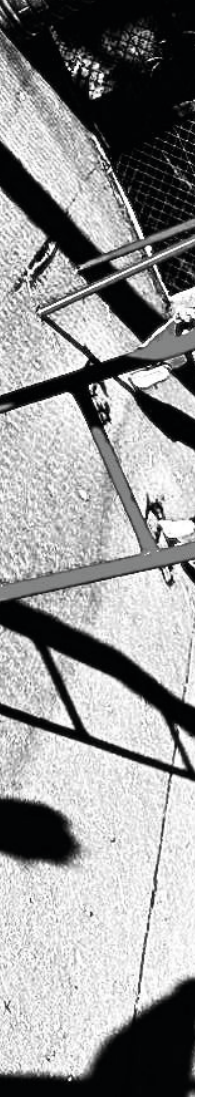




5.DEVANEIO MANIFESTO

*Manifesto_ação
em meio à morte
à guerra
à bomba
à faca
à fome
à fama
à tela*

*em meio ao que era
e continua sendo*



*Figura 13- Devaneio
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer*

*ao medo
à miséria*

*em meio ao pão
amassado pelo homem
à mulher silenciada
à doméstica violência
à inconsciência da ciência
em meio à ameaça de ar
de céu
de mar
de verdejamento*

*em meio ao lamento
falta de empatia
de alegria
de luas
de lírios
girassóis*

*em meio à crise virulenta
à ferida da miséria
que não cicatriza
e pisa, pisa, pisa...
em meio à vida
embuste diário
martírio voluntário
captura
cabresto instaurado*

*em meio ao gado
à ausência de lisura
de saúde
de educação*

*em meio ao sol
à treva
à queda do Papa
à ganância que devora*

aos mapas demarcados por sangue

em meio à América

à Palestina

à Israel

à Caxias do Sul...

à carne rasgada da terra

ao grito silenciado

à crua sina de matar

(e morre-se de tantas formas)



Figura 74- Morto vivo
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer

BALADA POR NUESTRA MORTE⁵⁰

*morre-se lentamente
morre-se de um tudo
de choque
mudo morre-se
de luto*

.

.

*morre-se de bote
do destino
de sol a pino
num susto morre-se*

.

.

*morre-se sem encaixe
em trapiches
morre-se por caprichos
em lixões morre-se*

.

.

morre-se sem medicação

são

de altura

na lisura, fissurado

ao bel prazer morre-se

.

.

morre-se exilado

calado

pertencente ou não

morre-se quadrado

perdido

morre-se na perdição

.

.

*morre-se aflito
em contrição
morre-se ateu
plebeu
superstar morre-se*

.

.

*morre-se de sim
de indiferença*

*e por fim a sentença:
morre-se em previsibilidade
só
pó
...*

*em meio ao bebê reborn,
à internet,
à professora agredida⁵⁷
na vida, na escola
no salário que não compensa
à quem pensa, pensa, pensa...*

*em meio ao luxo lixo
aos tons débeis de cinza
à medida de proteção
ao cão homem, que violenta
massacra e escraviza*

*em meio ao extermínio da alegria
à alta do café
ao sobe e desce da bolsa
à continuidade do feminicídio
ao indígena negligenciado
à insidiosa evangelização*

*em meio à gravidade do descaso
em meio à greve na educação*

em meio ao não, não, não...

*em meio à paraliza_
ção*

por liberdade

por dignidade

por valorização

pela transcrição

de um devir

em meio à guerra

à Rússia

à Ucrânia

à morte de Mujica

à imperícia governamental

ao lucro na techno⁵²

techno, techno...do capital

*em meio
ao sal que queima e cura
em meio
a possibilidade de sutura pela poética...*

*como projétil a romper a dureza do maquinado⁵³
transbordar a mácula, manchar com bravura
ter olhos de Thundercat, ver além do corroído
através da ferrugem
como a criança, a mulher e o louco*

*que pintam e bordam
na sabedoria dos que não sabem
na maestria dos sem pudor
a poesia
não é código de barras
não é logotipo
não é marca registrada ou aparato de captura⁵⁴*

*a poesia não se vende
se desvenda, se escava, se forja
se abre e se fecha selvaticamente⁵⁵*

*a poesia verve entre liquens
cheira a cachaça
e troça dos catedráticos
que podem ser chão solto
aprisionados
a carregar o vento⁵⁶
no poema insano
brincando com a métrica
atraversando a convenção*

*contramão do poema sem poética
inerte, sem contravenção*

*a poesia seria
um quase
não fossem os perdulários dos sonhos
abrindo a facção a brutalidade*

*ao expressar concretamente o não literal
ao forçar a metáfora em nós
ao renegar o segredo escondido em mentes comuns
regurgitar a linguagem conceitual
transparente, sem metáforas
que nomeia*

*e, o que há em um nome?⁵⁷
nomes, palavras
palavra outra serviria para a mesma nomeação
então...*

*não, meus senhores e senhoras
não há aqui a proposta de restituir neologismos arcaicos
de cancelamento de conceitos estratosféricos
de trocar categorias conceituais por outras*

*mas de alquimiar
para restaurar o imaginário⁵⁸
a matéria imaginativa
o desnudamento do literal*

*a poesia aqui busca enunciar problemas
em espírito de generalidade
em substância e meio
não os solucionar
a poesia não se presta a quirelas
convenções que
desgastam o poien⁵⁹
a poesia provoca a interrogatividade*

*o prazer pela ação
não pelo resultado
estado de graça é saber-se pô
e ainda luzir
no combate que se pronuncia
entre bocas de lobo e baratas
em velocidade da luz
em pequenos ciclones
em rompantes de micro indícios*

*no grupo de aves anunciando a migração
no guepardo que sobrevoa a relva
em quilômetros de savanas percorridas*

*no entre...
por insistência
na forma provisória
corpo no tempo*

*voz que antecede
gesto que se desfaz
no chão que inventa os passos
na cena teatral
no hospital
na sala de aula
na praça
no evento burocrático*

*a poesia escorre
na tinta que passeia
na igreja
na família
na pilha de papéis, de funções*

*a poesia escapa
nas planilhas
na fugacidade dos dias
no agenciamento de forças
escapa a poesia
na escuta do não nomeado
no intervalo
no desvio da repetição
no escape*

*Figura 15 - Insistência
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer*



Figura 16- Obra
Fotografia do arquivo pessoal da autora
Autora: Nilcéia Kremer



6.A POESIA ESCAPA

A poesia escapa às conclusões conclusivas, a crer na ilusão da forma acabada, a sucumbir ao delírio de um fim que nunca se cumpre. E escapa no cheiro de melancia recém-cortada pelo pai, durante uma tarde, após ser comprada do caminhão que passou na rua. A poesia escapa na morte do pássaro engaiolado, que deixará de sussurrar o seu canto. E escapa no desejo de voar com plantas nas mãos enquanto pula do muro. A poesia escapa no furo de reportagem que anuncia a morte do artista preferido, e a voz engasga. E escapa nas noites em que a companhia é o lançamento, do cantor, escritor, performer, diretor... que conversa com você. A poesia escapa na primeira vez em que o cigarro foi roubado da mãe para ser fumado escondido. E escapa nos olhos que se cruzam durante a playlist “lenta” da discotecagem. A poesia escapa na geada do quintal no dia invernal, em que os quintais exalam o vapor da neve derretendo enquanto se vai para a escola. A poesia escapa, não se encerra: ela escorre no gesto da criança que desenha uma casa torta no caderno da escola. E escapa no silêncio

quebrado pelo barulho do caminhão de gás, lembrando que o cotidiano também é cenário de resistência⁶⁰. A poesia escapa da embriaguez do pai, na tolerância da mãe e nas lembranças tortas que o filho levará consigo. E escapa no gosto literário que nasce sem estantes de livros na casa da infância, e em como os olhos brilham diante da estante de livros da escola. E escapa na comoção ao ver uma velha, espelho de um futuro próximo. No próximo, escapa a poesia, mirando cobertas sujas e jornais que esperançosamente amenizem o impacto do frio. E escapa nos rios que inundam nossa vista, a fim de explicitar os equívocos humanos. A poesia escapa nos panos de fundo que sempre caem, gerando julgamento histórico, de fascista, farsante, repugnante, tirano, assassino... A poesia escapa ao coração devastado, escapa ao desaparecimento, escapa ao disparo, escapa ao suave veneno verde-amarelo, escapa...

A poesia escapa no amor ébrio, de uma noite mal calculada, que reverbera pela vida. E escapa na roda gigante que será instalada para a decoração de natal (fetiche mal resolvido) de Polenta City. A poesia escapa à retidão de medidas imputadas como única forma viável, e escapa neste trabalho que nunca se fecha. Escapa reverberando como eco de um corredor vazio, como pedra lançada que quica na água infinitamente, ou que, ao cair no poço, não encontra o fundo. A poesia escapa ao não brilhar no intervalo como promessa redentora, ao se mover como fumaça que na iminência do

fogo se espalha no apartamento. E escapa como a planta que insiste em crescer na fissura do concreto⁶¹. A poesia escapa, contapondo-se à linearidade do discurso lógico, já que o pensamento não é linha reta, é cicatriz, fragmento, raiz espraiando-se sob a terra, é fuga! E escapa em cada poeta que desliza por mapas quebrados, com ruído, com rumor, com sussurros inaudíveis e espalha-se pela minoria, sem escolhidos, nem eleitos. A poesia escapa, não permite ser capturada na gramática endurecida, não se aquieta no currículo domesticado. Um gesto mínimo subverte a lógica do instituído.

A poesia escapa e persiste, como o grafite apagado na parede, como a página arrancada que circula de mão em mão, como a voz no megafone do sindicalista que atravessa a rua durante a manifestação. E escapa como estilhaço, ou como O Martelo⁶², de Adelaide Ivánova. A poesia escapa em Vingar⁶³, de Danielle Magalhães, abrindo sulcos ao dizer o ainda não dito. E escapa no chão da pesquisa, em que a palavra busca ser conceito. E escapa, sim, na educação, na palavra inesperada que rompe uma fissura na linguagem, na palavra-lampejo, abertura ao sensível. A poesia escapa na professora, por ser insistência, mesmo diante do descaso, tornando a sala de aula um espaço de reinvenção que se abre no entre⁶⁴, no imprevisível, no inacabado, no devir. A poesia escapa no corpo, no sopro do vivido.

Penso respiração: a pausa, o suspiro, o intervalo entre uma vírgula e outra, onde

a vida acontece. A poesia escapa na presença de quem lê, escuta, sente. De quem mede o medo como potência de criação. A poesia escapa, não como fechamento, mas como abertura, e escapar é maior que qualquer conclusão. A poesia escapa na educação (escola, parque, teatro, estádio...) e é ali que o poema se instala, e alimenta o sopro que desvia. A poesia escapa e nada se conclui. Fica o rastro, a cicatriz. Fica o texto em ruína habitável, abrigo provisório, rizomático, planetário, entre escapes e ebulições. A poesia escapa na cartografia de pegadas que traçam rotas possíveis. E escapa como experiência inventiva na multiplicidade de desdobramentos entre vida e educação. A poesia escapa no convite à peregrinação da presença em movimento. E escapa na garatuja suja que, se finda, é para renascer. A poesia escapa na continuidade, na linha sinuosa, em pegadas de alegria e desejo que só a poesia pode exalar.

*Figura 17 - Escape
Fotografia do arquivo pessoal da autora.
Autora: Nilcéia Kremer*



A pesquisa pelo método poesia se deixa parir pela escrita. Ela se oferece como método de desvio e ornamento da máquina de uma ciência sensível (Corazza, 2008) capaz de tocar aquilo que uma ciência sem este método, isoladamente, não provoca. A escrita desta investigação provoca o canônico ato de classificar quem inventou a escrita acadêmica (Maruju; Matos, 2024).

Poesia nesta pesquisa de mestrado não é gênero: é gesto científico entre ciência e arte, ambas abrem o hibridismo pela experiência de atravessamentos acadêmicos sem nenhum território puro, imaculado e disciplinar, assim o método poesia se insinua pelos compostos

entre mineral e animal;

entre rítmica e a idiorritmia;

entre leitura e escrita;

entre capturável e inefável ;

entre dito e não dito;

entre hifens e aspas;

entre paixão e alegria;

entre escuta e orelha;

entre instituído e escapes;

entre ciência e sensível;

entre poesia e verdade.

Aqui, entre ciência e arte, respiração de um método-poesia. O encontro do que pode ser uma força incapturável da poeta-professora e da professora-poeta da força da tentativa criadora. E se ainda insistirem, sigo na advertência de que a arte cria sensações, a ciência cria funções e, entre a zona desta vizinhança, entre essas forças heterogêneas (Deleuze; Guattari, 2010), a escrita desta pesquisa se faz de

modo espalhado aos modos de poetizar uma escrita pela pesquisa para educação, sem educação e com educação.

Aqui, a investigação pode estar sendo lida no ato de assumir a convocação acadêmica de uma educação que interroga o entre, o intervalo (in)fértil do espaço-tempo que nenhuma disciplina organiza a outra, onde todas se tocam por fricção [de uma imagem de lampejo do raio sob o solo] e não por hierarquia, assim, a poesia ocupa o tema, o problema e escapa do canônico acadêmico do ato da variação contínua para as escritas acadêmicas (Maruju; Matos, 2024).

Aqui, é território movediço de cri(a)ção do método poesia cl(ama) a variação contínua, como modo de extrair do vivo um resíduo vibrátil. As percepções dos encontros entre ciência e arte se ligam pelos movimentos de leituras e não de fusão. Este tipo de território de pesquisa exige sempre um gesto, um gesto de variação capaz de gesticular o sensível da boca que lê, da língua que bate nos dentes e da saliva que escorre da denúncia poética ao afirmar vida à educação, mesmo que nela estejamos como corpos instituídos.

Aqui, Corazza (2008) ou uma salamandra [assim também se chamava] se faz presente na insistência de que pesquisar não é explicar um objeto já dado. Investigar é inventar problemas, criar percursos, desmontar discursos estabilizados, institucio-

nalizados. O método vem da poesia e convida o/à acadêmico/a leitor/a gesticular às dores da educação ao modo de quem ensina a recusa ao instituído.

Aqui, a poesia ganha o gesto de verter a consistência do sistema acadêmico que se apropria da escrita acadêmica como um modo de tecnologia, de poder sobre a verdade verdadeira da ciência em educação. A pesquisa do método poesia faz um tipo de traição a tal sistema, quando usa a língua da poesia para dar a entrada na escrita desta pesquisa, devorando este modo de poder quando a entrega pelas forças de escrever entre pesquisa, arte e educação (Corazza, 2015).

Aqui, ainda com Deleuze e Guattari (2010), continua esta advertência desenhada pela entrada de uma pesquisa que esboça e não apazigua os rastros deixados por este método poesia. Ainda, cabe informar que para a pesquisa em educação, desta arte-poesia, há de, por força, arrancar blocos de sensações, das percepções e dos encontros, como quem arranca arrepios diante das denúncias do que se passa no instituído e nas instituições escolares.

Aqui, a poesia ganha variação contínua ao se fazer método desta pesquisa. Ela como matéria viva dá corpo aos processos (idio)rítmicos de uma pesquisa com investimento entre ciência e arte na educação. Forjar este método torna-se parte da tentativa de pensar (a)traindo a tradição acadêmica. Pensar como verbo raro. Pensar como uma

vida em risco. Pensar para uma pesquisa inacabada pelo que é próprio deste método poesia, que permite a pesquisa estar em risco de escapes em educação, para liberar vida aprisionada nela.

Aqui, ainda anuncio sem tentar domesticar a sua leitura desta pesquisa em educação. Eis o convite: habitar o entre destas advertências de quem faz desta investigação uma educação que escapa:

1. Ao iniciar a leitura, lembre-se de que o método poesia escorrega quando não arrepia;

2. A pesquisa pela poesia funciona lendo em superfícies instáveis;

3. Aceite os ruídos acadêmicos eles indicam que algo está vivo na pesquisa em educação;

4. A investigação investe no método poesia pelo estilo poético e ganha um gesto convidativo de estar escapando da tecnologia de poder denominada de escrita acadêmica;

5. Este método de pesquisa foi criado para poder denunciar a agonística de uma vida sobre o institucionalizado em educação, tendo um trágico-poético encontro de escrever pesquisa entre a poeta e a professora.

- 1 Texto na íntegra: “Carta aos meus alunos”. Hoje é sábado, dia 18 de abril. Me debruço diante de uma tela em branco, pois deveria estar trabalhando no planejamento da Trilha de Aprendizagem da próxima semana. Há um mês nós não nos vemos, há um mês nossos olhos nos olhos não se encontram, livres de qualquer atravessamento tecnológico. E esta tela, que sempre se inicia em branco, tem sido um marco diário, um marco de reinícios, de possibilidade de aproximação. Hoje faz um mês que me debruço diante dos livros, das anotações, dos e-mails, através dos quais recebo arquivos de trabalhos, com nomes que trazem rostos, sorrisos, expressões de dúvidas e de desejo pela descoberta. Cada novo planejamento é um desafio, e vocês são meu alento, quando afirmam que estão tendo facilidade para compreender, quando relatam que a quantidade e formato de atividades podem ser readequadas. Quando me ajudam a preencher as telas em branco e me encorajam. Meu desafio é o de despertar o desejo, de instigar o interesse, de elucidar o conteúdo, mas, acima de tudo, de manter o nosso vínculo, o nosso elo afetivo já tão desenhado e colorido, como os desenhos de fotojornalismo que me foram entregues antes da quarentena. Cada arquivo de trabalho que abro me enche de orgulho e reforça a importância do meu ofício, da importância que temos um para o outro. Cada mensagem trazendo dizeres como “profe, estou morrendo de saudade” ou “profe querida, espero que o trabalho tenha ficado bom”, é um certificado de que, talvez, estejamos mais ligados do nunca. Nestes momentos em que o vazio ocupa tanto espaço, vocês preenchem o meu dia. Saibam que olho mais do que o conteúdo: meu coração é que enxerga e, como um thundercat, busco a visão além do alcance, para captar cada idiosincrasia, gosto ou dificuldade. As aulas virtuais são acréscimos de fôlego, em que mais do que correções ou esclarecimentos sobre conceitos e regras, os corações feitos com as mãos, nossos risos e despedidas com beijos estalados, são bálsamo. Nossa equipe cresceu; hoje temos pais,

cada vez mais próximos, seja em troca de e-mails, seja auxiliando vocês nas atividades enviadas, seja contribuindo em busca de melhorias constantes. E sou grata. Afinal, seguimos aprendendo que juntos somos mais fortes e desbravaremos este universo totalmente novo, em que telas e teclados nos ligam, mas jamais estes instrumentos funcionariam sem peitos que pulsam, sem angústias divididas, sem o desejo de atravessarmos esta onda sombria, conectados. (KREMER, N. Carta aos meus alunos. Opinião. **Pioneiro**, Caxias do Sul, p. 12, 22 abr. 2020.).

- 2 Livro cartonero Kamikaze, disponível na plataforma Issu (Kremer, 2016, p. 49). <https://issuu.com/nil975/docs/kamikaze>
- 3 Aqui, a não-matéria ressoa no campo de ruptura do binarismo sujeito e objeto, início e fim, apresenta-se como fluído, instável, imaterial, ao tempo de um cadente e um poente, como sugere Clarice Lispector em *A Paixão Segundo G.H.*
- 4 “A conceitualização distintiva da didática da diferença, que especifica o seu sentido, pela tradução, nos leva a entender o processo criador em educação, mediante a reformulação da própria didática: em termos não mais de normatividade, mas de transcrição do pensamento filosófico, artístico e científico; bem como da escrita curricular” (Corazza, 2015, p. 4), conceito que estará espalhado em outros momentos do texto.
- 5 Aqui, a subjetivação, na perspectiva de Gilles Deleuze, é rizomática e se compõe e decompõe no processo contínuo, em que o sujeito é efeito das relações e forças que o atravessam. Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto, uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva (Mansano, 2025, p. 13).
- 6 “A conceitualização distintiva da didática da diferença, que especifica o seu sentido, pela tradução,

nos leva a entender o processo criador em educação, mediante a reformulação da própria didática: em termos não mais de normatividade, mas de transcrição do pensamento filosófico, artístico e científico; bem como da escrita curricular” (Corazza, 2015, p. 5)

- 7 Vida como obra de arte que contraria o projeto societário padronizado, de outra forma contempla a perspectiva da noção élan vital inspirada em Henri Bergson, em que se recorre à vida advinda do processo de criação. Em que a vida responde ao problema no desvio, no desequilíbrio que rasga a realidade. “Uma realidade que se faz através daquela que se desfaz” (Bergson, 2005, p. 269).
- 8 Tomar as palavras sentir e pensar além de operações de reconhecimento; tomá-las como formas de existência, rompendo a rigidez dos números de registro, habitando múltiplos devires, a fim de desestabilizar a identidade estável e padronizada em linhas de captura. Nesse sentido, “Criar sempre novas formas de sermos gente” (FARINA, C.; MARTINS, R. V. R. O idiota e o nômade. **Revista Partes**. 2013).
- 9 O furacão Katrina faz, no texto, referência à busca por vestígios enquanto possibilidade de criação do que é destruído e construído e destruído... Tal furacão, em 2005, atingiu os estados de Louisiana, Mississippi e Alabama, nos Estados Unidos, sendo considerado o desastre natural mais caro da história do país. A poesia também nasce do espanto, contramão de tragédias irremediáveis e de buscas instáveis (DOWLING, S.; GERRETSEN, I.; GRAY, R.; LATHAM, K.; TIMPERLEY, J. As imagens da destruição provocada pelos furacões mais extremos da história. **BBC Future**, 25 ago. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gz09e09k0o>. Acesso em: 14 set. 2025).
- 10 A escrita não é a redução de gesto consciente e transparente, ela se constitui da heterogeneidade de forças que se cruzam, encruzilhadas de percepções, memórias, impulsos, hábitos, atos irrepetíveis e

singulares. Valéry ressalta a complexidade acoplada em fluxos de pensamento e de desejo no gesto de quem escreve, dimensão poética que rompe o poema e demais linguagens. Escrever, portanto, é a prática maquinaica entre forças que não pertencem a um uno, mas a um campo de criação múltiplo (Valéry, 2025, p. 13).

11 A tradução corporal referida no poema resgata conceitos alicerçados tanto por Deleuze e Guattari quando referem-se ao corpo como material primário. (POCHAPSKI, G. J.; BRITO, F. L. C. B. Corpo, acontecimento e diferença: Deleuze e Guattari e a historiografia. Uma entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. **História Unisinos**, v. 24, n. 1, p. 149-156, 2020). Ou, ainda, segundo o corpo propulsor, não passivo, responde incessante a vibrações que se assemelham à música nunca concluída, de partituras regidas pelo porvir, conduzidas pelo indizível, em que a ação não se resume ao previsto. Este trabalho poético incontrolável é atravessado pelo indeterminado (Valéry, 2007, p. 191).

12 Kremer (2024, p. 21).

13 Texto na íntegra: ‘quem está do nosso lado? É na Grécia que surge o conceito de pedagogia, amplamente discutido e pesquisado mais tarde, ou desde então, por diversos outros pensadores/educadores, que não recorriam ao termo “pedagogia” propriamente dito. Desde então várias correntes seguem pesquisando e praticando métodos diferenciados de pensar a prática pedagógica. Já não há a palmatória, ninguém mais se ajoelha no milho... Viva a evolução! Hoje existem setores especializados com o propósito de contribuir para o bom andamento da aprendizagem dentro do ambiente escolar, que é mais do que um professor ministrando conteúdo em sala de aula. Se no oriente o professor é visto como alguém que deve ser respeitado pela sociedade _ o que inclusive se aprende desde o ambiente familiar _ no ocidente, muitas vezes e, infelizmente, o professor é rechaçado, seja por ser exigente demais, por ser exigente de menos, por ser brincalhão, por ser muito

sério, por elaborar avaliações “fáceis” ou “difíceis”... Ufa! Cansei. Respirar ainda pode? Cansamos. A experiência da pandemia, que deveria ter contribuído para que aguçassemos a nossa sensibilidade enquanto seres humanos, nos tornou empedernidos. Acusamos indistintamente quem quer que seja, sem a tentativa do mínimo diálogo. Vários setores sociais, sejam políticos desqualificados, ou cidadãos sem conhecimento, opinam vorazmente sem nunca terem pisado em um chão de sala de aula. O educador atual dificilmente seria o pedagogo que encontraríamos na Grécia. Talvez porque o educador atual dificilmente trabalhará com uma única turma. Talvez porque este educador tem em média doze turmas, com cerca de vinte e cinco alunos cada, com inúmeras idiosincrasias para mediar. Talvez porque tenha três áreas de conhecimento diferentes para ministrar. E ainda, sem tempo para o convívio familiar, precisa registrar aulas, corrigir provas etc. Não, ninguém falou aqui de hora extra remunerada. Sim, a problemática da educação é algo sistêmico, seja pela quantidade cada vez maior de diagnósticos de transtornos de saúde mental, seja pela burocracia institucionalizada que segue ecoando em aprisionamentos do sistema, na sociedade e conseqüentemente na educação. A ineficiência governamental com suas engrenagens corroídas e enferrujadas despreza a valoração da educação como a base do desenvolvimento social e humano, e extingue a formação de seres sensíveis, capazes de lidar com seu desenvolvimento socioemocional, ao contemplar a lógica da “mão de obra para o trabalho”. O fato ocorrido na escola João De Zorzi, no dia 1º de abril, revela o dia da mentira que vem sendo cultivado diariamente por parte de gestores debruçados em “burrocracias”. De outra forma, nós, que estamos nas trincheiras queremos, sim, saber quem está ao nosso lado. Porque, parafraseando Hemingway, “Isso importa mais do que a própria guerra” (KREMER, N. Quem está do nosso lado? Opinião. **Pioneiro**, Caxias do Sul, p. 3, 30 abr. 2023).

14 O refinamento de dispositivos de poder decorre de práticas que aparentam missão social ou neutralidade e modulam corpos e querer. Agenciamentos que territorializam a vida subjugando-a a códigos de barra, de modo que o pensamento não vibre além do prescrito. “Cada instituição

aperfeiçoou as técnicas de poder para dar conta de sua ‘missão’ social, tais como: a confissão no discurso religioso, o matrimônio no discurso da família, a descoberta da anatomia no discurso médico, os confinamentos do espaço como discurso nos presídios” (Matos, 2009, p. 2).

15 Kremer (2024, p. 64).

16 O devir não se minimiza a uma linearidade na transição entre estados; de outra forma, revela um estado de criação que apresenta possibilidades, que é sempre processo. Mais que deslocamento, é onde as diferenças se engendram para que sejam traçados novos modos de pensar, de existir e de sentir. Não há ponto de chegada, mas um constante estado de invenção (Corazza, 2008, p. 274).

17 Kremer (2024, p. 77).

18 A imagem constitui-se, na linguagem poética, como emergência, como evento em que a expressão, a forma e o sentido se encontram em um movimento fugídio. Em que o poema cria novas formas de experiência, e o mesmo ocorrerá nas demais linguagens, como produção contínua de diferença, burlando dados fixos e representações prontas; “(...) a imagem poética deve ser entendida não como o estabelecido da imagem, mas como aquilo que ‘é uma emergência da linguagem’” (Dinarte, L. D. R.; Corazza, S. M., 2016, p. 136).

19 Referência à matéria sobre performance (que foi censurada) da cartógrafa. Disponível em: <https://movimentomobile.org.br/caso/secretaria-de-cultura-altera-obra-de-arte-por-seu-conteudo-politico-sem-a-autorizacao-da-artista/>. Ocasão em que a interferência poética da plateia, na galeria de arte, gerou desagrado dos gestores políticos, pois se tratava de uma crítica quanto às políticas públicas na área da cultura.

20 O molar, utilizado como referência de dureza, contrapõe-se ao molecular que trabalha com contraposições e multiplicidades maleáveis moleculares. O molar refere-se ao que é limitador e impõe

limites, definindo territórios de ações e comportamentos padronizados, coexistindo e tensionando fluxos moleculares (Deleuze; Guattari, 2011, p. 71).

- 21 Valéry ressalta a poética desde seu sentido etimológico, em que se refere à linguagem que atua simultaneamente como meio e substância, no entre da criação. Que transcende preceitos estéticos e conjunto de regras, articulando invenção, sensibilidade e reflexão, propiciando a produção de significados emergentes durante o processo de criação (Valéry, 2025, p. 14)
- 22 A artistagem, segundo Sandra Corazza, não se prende ao título de artista: é invenção que respira entre estética, ética e política, é gesto que se lança na procura do “não-sabido, do não olhado, do não-pensado, do não-sentido, do não-dito” (Corazza, 2002, p. 15). Escrita refere-se às múltiplas experiências de leitura e escritura desenvolvidas entre 2011 e 2014 pelo projeto interinstitucional “Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida” (UFRGS, UFPel, UFMT e UNIOESTE), apoiado pelo Observatório da Educação CAPES/INEP (Corazza; Rodrigues; Heuser; Monteiro, 2014).
- 23 Para Corazza, a docência representa a esperançosa tarefa de não ser engolida pelo caos, da docência como poética, que insiste e perdura feito um castelo no ar. Docência de Sheherazade que, por não encontrar propriamente função no mundo real, oferece-se como uma fantasia, prestando-se melhor ao desfrute [CORAZZA, S. M. (Org.). **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019a. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010031432022000100402#fn03]
- 24 Expressão retirada do mito grego de Tebas, mas que cabia a Corazza. “Apenas Ela sabia a resposta do enigma e por meio dele estava a todos que quisessem dela se aproximar” (Aquino; Carvalho; Zordan, 2022, p. 214).

- 25 Para Corazza, retornamos à imanência quando deciframos o enigma, quando devolvemos ao corpo “a primazia da relação com a vida. Um ato mágico por excelência, de magia como resultado de alterações da consciência que interferem no real” (Aquino; Carvalho; Zordan, 2022, p. 260).
- 26 A docência poética não depende de sentido definido, juízos de valor ou reflexões sobre a natureza do professor. Ser um sonhador de aulas é viver plenamente no mundo, projetando simultaneamente uma cidade imaginária construída pela própria criação (Corazza, 2019, p. 8).
- 27 A tradução, expressão tão bem utilizada por Corazza, evidencia o corpo como produto de saberes em movimento, não apenas um executor. Trata de um saber-fazer que se espraia na articulação entre ação, pensamento, percepção e se constrói em encontros entre diversos campos e suas traduções criativas, resultando em experiências educativas (Cf. CORAZZA, S. M. *Tocar o futuro em seu lado de cá: tradução de Sandra Mara Corazza. Educação & Realidade*, v. 47, 2022, p. 6. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124432vs01>).
- 28 Tratemos da ruptura com as práticas da docência limitada à reprodução. Para Corazza, é no afastamento do recorrente, das correntes institucionais e sociais que se adquire a possibilidade de sermos agentes de não alienação e de vigilância crítica. Capazes de questionar consensos imersos em formas de opressão, e de mobilizar o desejo de transformação como força ética e criativa (Corazza, 2019, p. 4).
- 29 No heterogêneo e suas articulações se constitui a poesia, sem relações pré-estabelecidas, instigando ao engajamento de múltiplos saberes e dimensões do ser, forjando conhecimentos que sublimam a mera transmissão de informações (Valéry, 2025, p. 36).
- 30 O rizoma como escrita amplia territórios por desterritorialização, estendendo linhas de fuga sobre o plano de consistência de uma máquina abstrata. “Diferente é o rizoma, mapa e não decalque”

Abertura ao criativo, ao não convencional (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: 34, 2011, p. 28; 30).

- 31 A fabulação não se limita à esfera da imaginação nem à projeção de um sujeito autônomo. Ela emerge, antes, da intensidade gerada por uma reflexão que rompe com os modelos de pensamento previamente representados, abrindo espaço para experiências em territórios ainda não codificados. É nesse processo que se constitui a transcrição: não como reprodução do real, mas como registro das metamorfoses que ocorrem no entre — esse intervalo fértil que alimenta novas formas de sentir e pensar (NODARI, K. E. R.; OLEGÁRIO, F.; CORAZZA, S. M. Entre procedimentos e roteiros didáticos de tradução: condições de invenção em uma aula de escrita fabuladora. **Linha Mestra**, v. 43, p. 19–28, jan./abr. 2021).
- 32 Na percepção indígena sobre educação, segundo Krenak, “As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois, para uns vencerem, outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo”. (KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 117–118).
- 33 “E a pulsão não passa disto: é a energia que se apodera de pedaços no mundo originário. Pulsões e pedaços são estritamente correlativos. Evidentemente, às pulsões não falta inteligência: têm até uma inteligência diabólica que faz com que cada uma escolha a sua parte, espere seu momento, suspenda seu gesto e recorra aos esboços de forma sob os quais ela poderá cumprir melhor o seu ato” (Deleuze, 2018, p. 194).
- 34 Deleuze e Guattari apontam a linguagem como um regime de palavra de ordem: mais que transmitir, ela comanda; mais que ensinar, ela impõe coordenadas binárias e disciplinares que modelam corpos

e vozes. Criando binarismos que moldam corpos e vozes desde a infância, fazendo da repetição um gesto quase orgânico (Deleuze; Guattari, 2011, p. 11-12).

- 35 A metáfora de *panis et circenses*, tão bem representada na música dos Mutantes, do álbum Tropicália ou *Panis Et Circenses*, de 1968, em que ações extraordinárias como “soltar tigres, plantar folhas de sonhos, fabricar punhais luminosos, contrasta-se com pessoas “ocupadas em nascer e morrer”, destaca o que ressoa na cartografia poética desta pesquisa, que propõe a tensão entre percepção social e potência criativa, criadora.
- 36 Referência à artistagem, que não se limita à mera transposição de contornos de outras artes, mas que se insinua como lampejo de outra ordem, inapreensível em sua totalidade, “[...] uma ordem outra que não se pode precisar, apenas pressentir” (Aquino; Corazza; Adó, 2018, p. 3).
- 37 A ideia de arbustos subterrâneos, em Deleuze e Guattari, contraria a cultura arborescente fincada na centralização e captura – “Ao contrário, nada é belo, nada é amoroso, nada é político a não ser que sejam arbustos subterrâneos e as raízes aéreas, o adventício e o rizoma” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 34).
- 38 Parte VI do poema de Sandra Corazza, publicado no Artigo “O sonho da docência: Fantástico tear”. Fantástico tear. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 32, p. 5–24, 2021.
- 39 O ruído, a partir de Deleuze e Guattari, como desvio da gaiola da linguagem, ou ainda na poética sem amarras de Sandra Corazza, em que o “ruído” atua como interrupção criativa e potência de invenção (Deleuze; Guattari, 2011; Corazza, 2022).
- 40 A tradução, nesse sentido, cumpre uma dupla função: de um lado, preserva, de outro, transgride, ao transcriar, transformar o material recebido. Nesse processo, são transpostos não apenas textos, mas também valores, funções, modos de existir e formas de subjetivação, tornando a tradução

uma prática produtora de novos sentidos. “Tradução que, se de um lado transmite, recupera e preserva a tradição, de outro transgride os cânones científicos, artísticos e filosóficos, ao transcriar obras, autores, fórmulas, funções, valores, maneiras de existir e modos de subjetivação” (Corazza, 2019, p. 3).

41 “Uma concepção de silêncio. Do inaudito, do intempestivo, do niilismo em si. O mais próximo possível de se imaginar o Nada. Ainda que os desertos marcados na superfície da Terra tenham limites e vizinhanças e até possam ser povoados, como o Pampa, deles tudo o que se sabe é mito. O lobo da estepe. Território onde quase ninguém vive, local de difícil sobrevivência, o deserto está fora de qualquer estratificação que não seja a de sua própria superfície entre o plano em que se pisa e o firmamento que o encima. Um território de passagem. Absoluto espaço liso, desertos são afecções que se convertem ao afecto intenso da falta de caminhos riscados previamente” (Zordan, 2014, p. 2).

42 A poesia, livre da moldura, nascida da errância, “A poesia, se for um tipo de revelação errática no agora, adere sentidos que não existem a priori, mas revelam-se quando lançados. A poesia não pertence a uma totalidade, doa-se em seus resultados, é amante do acaso” (REIS, M dos. Errância da brevidade poética no sonho-educação. **LANDA**, v. 10, p. 89-116, 2021).

43 Aqui, faço referência à ideia de linha de fuga nômade e rizomática de Deleuze e Guattari, em que “A escrita esposa uma máquina de guerra e linhas de fuga, abandona os extratos, as segmentaridades, a sedentariedade, o aparelho de Estado” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 47), cuja escrita se movimenta além de estruturas fixas e hierárquicas, em que a escrita é o pensamento que circula. Estudos

44 SALGUEIRO, W. C. F. Drummond em três tempos. **REEL – Revista Eletrônica de Literários**, Vitória, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3279>. Acesso

em: 25 ago. 2025. Se, para Drummond, em seu poema “No meio do caminho”, escrito em fins de 1924 ou início de 25 e publicado, pela primeira vez, em 1928, na primeira página do n.º 3 da Revista de Antropofagia, a pedra surge tal qual um obstáculo potente, aqui a pedra torna-se um lugar de passagem e multiplicidade, onde forças potentes, desejanter e fluxos de criação se inscrevem.

- 45 Louro (2001, p. 6) enfatiza: “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido”.
- 46 “Poética experimental, que produz efeitos epistemológicos e pedagógicos, contrários ao cientificismo estruturalista, de vocação positivista, operacionalizada como uma estratégia contra a manutenção dos dogmatismos e, portanto, inseparável de uma transformação das relações interculturais” (Corazza, 2015, p. 4).
- 47 Capaz de atravessar linguagens, culturas e modos de pensar, e operando em um plano que conecta o cotidiano à criação de algo novo. Nesse processo, o corpo crítico-seletivo é a seleção intencional de referências que permitem interações e favorecem novos saberes e formas de experiência – “Capaz de anamorfose, a didática da diferença é translíngua, transliterária, transcultural, transpensamental, funcionando sobre um plano empírico-transcendental, que liga o tempo ordinário à produção de algo novo. Suas interinfluências são trazidas pelas linguagens contemporâneas, implicando-a na invenção de um corpo crítico-seletivo” (Corazza, 2015, p. 10).
- 48 Poema do livro independente e cartonero Kamikaze, disponível na plataforma Issu (Kremer,

2016). Disponível em: <https://issuu.com/nil975/docs/kamikaze>. Aqui, o rastro da escrita, o entre, a travessia revela o inacabado, germina o rizoma. Ou, ainda, é como “Ultrapassar a lógica totalizadora, redutora e racionalizadora do conceito colocando-o para funcionar, também, como força empírica; um gesto sempre inacabado como é a vida” (Corazza, 2012, p. 92).

49 Livro cartonero Kamikaze, disponível na plataforma Issu (Kremer, 2016, p. 15). Disponível em: <https://issuu.com/nil975/docs/kamikaze>.

50 Kremer (2024, p. 18).

51 Referência a uma das agressões sofrida por professores, durante o ano de 2025, em Caxias do Sul. **CNN BRASIL**. Professora esfaqueada no RS: polícia aponta autoria de três adolescentes. Porto Alegre, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/professora-esfaqueada-no-rs-policia-aponta-autoria-de-tres-adolescentes/>. Acesso em: 15 set. 2025.

52 A máquina como um conjunto de relações que atravessam corpos, fluxos e signos. Máquina capaz de gerar intensidades e efeitos que vão além do funcional, através dos entrelaçamentos dos modos de existência (Deleuze; Guattari, 2011, p. 45).

53 “O pensamento docente não é linear, mas maquinado, atravessado por fluxos que se conectam e se transformam” (Corazza, 2017, p. 112).

54 Há, aqui, um processo que submete e organiza fluxos em um regime de poder. A captura é um mecanismo pelo qual forças, corpos e relações são dispostos e regulados, agenciando formas de domínio. “A captura não é simplesmente uma apropriação, mas um processo de organização que fixa fluxos e os submete a um regime de poder” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 345).

55 “O pensamento selvagem não é um pensamento primitivo, mas um modo de resistência contra a

captura do desejo pelas máquinas sociais” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 45).

56 Ora, o vento é incapturável, assim como a etimologia incerta de “libélula”, sugerida por Mar Becker, em que a autora utiliza a hipótese do que não fixa nem encerra, mas ventila. Com ênfase na hipótese, na suposição, em sua volatilidade, que ecoa em “vento sobre vento” e a condição da escrita que nunca se captura em totalidade. Assim como o vento, a poesia escapa em sua instabilidade, em que palavra e silêncio coexistem em tensão viva (Becker, 2020, p. 44).

57 Ao considerar a multiplicidade, percebe-se que a linguagem não funciona como um instrumento para designar ou fixar o ser. Ela estabelece relações, criando formas de produção de sentido que emergem das experiências compartilhadas e das diferenças “Facultado o movimento e a multiplicidade, mais eficaz seria compreender que a linguagem não designa o ser, mas uma certa relação humana” (Almeida; Matos, 2025, p. 7).

58 “O imaginário não é um conjunto de imagens estáticas, mas um fluxo de intensidades que atravessa corpos e signos” (Deleuze, 2018, p. 312).

59 Valéry lembra-nos do *poëin* como gesto criador, um fazer que se dobra sobre si mesmo, facilitando pensar a poesia como força inventiva e política forjada nos atravessamentos. “O fazer, o poëin, do qual desejo me ocupar, é aquele que termina em alguma obra e que eu acabarei restringindo, em breve, a esse gênero de obras que se convencionou chamar de obras do espírito. São aquelas que o espírito quer fazer para seu próprio uso, empregando para esse fim todos os meios físicos que lhe possam servir” (Valéry, 2025, p. 20).

60 Ao abordar a questão da temporalidade da existência, Huberman evita alinhar-se tanto com a concepção de uma destruição consumada quanto com a promessa de uma redenção iminente que poderia nos resgatar do panorama desolador em que estamos inseridos. Nesse contexto, a poesia,

enquanto expressão de resistência, revela a necessidade de escapar às narrativas que aprisionam o tempo em dicotomias redentoras ou apocalípticas (Didi-Huberman, 2011, p. 122).

61 “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.” (Drummond de Andrade, 1945, p. XX). Nesse verso de “A Rosa do povo”, Drummond revela a vida em meio à dureza do concreto, como símbolo de resistência, retificando que a beleza se ramifica mesmo nos lugares mais hostis.

62 Na obra *O Martelo*, a experiência literária/poética se inicia no ato de pegar o livro, pois a capa solta folículos de tinta vermelha, levando o leitor ao primeiro momento que o levará, com o passar da leitura, a compreender aí o símbolo de sangue de mulher. A obra é separada em partes I e II, e apresenta prisões que transpassam diversos papéis sociais (Ivánova, 2017).

63 Que remexendo no solo da memória, ao abrir valas, descobrindo fendas, grava com a palavra o que nos foi negado contar, “Vingar é da vingança, mas não apenas: aquela que vingou, que vinga, é a semente que deu certo, cuja voz se lança no espaço e no tempo, que nos fala, que grita no silêncio da escrita (...)” (Magalhães, 2021, on-line).

64 Como em Ana Martins Marques, “entre a casa e o acaso / entre a jura e os jogos / entre a volta e as voltas / a morada e o mar / penélopes e circes / entre a ilha e o ir-se” (Marques, 2011, p. 9).

ABRAMOVIC, M. **Pelas paredes**: memórias de Marina Abramovic. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2017.

ALMEIDA, J. P.; MATOS, S. R. L. **Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis, v. 43, n. 1, jan./mar. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/97262> . Acesso em: 25 maio 2025.

AQUINO, J. G.; CORAZZA, S. M.; ADÓ, M. D. L. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e169875, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698169875> . Acesso em: 19 abr. 2022.

AQUINO, J. G.; COSTA, C.; ZORDAN, P. (Org.). **Sandramaracorza**: obra, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

AQUINO, J. G.; COSTA, C. Fragmentos de uma vida ante os olhos da morte. **Educação & Realidade**, v. 47, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/126730> . Acesso em: 14 out. 2024.

BECKER, M. **A mulher submersa**. Bragança Paulista: Urutau, 2020.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORTULUCCE, V. B. O manifesto como poética da modernidade. **Literatura e Sociedade**, v. 20, n. 21, p. 5–17, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/article/view/114486>. Acesso em: 25 maio 2025.

CNN Brasil. Professora esfaqueada no RS: polícia aponta autoria de três adolescentes. **CNN Brasil**, Porto Alegre, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/professora-esfaqueada-no-rs-policia-aponta-autoria-de-tres-adolescentes/>. Acesso em: 15 set. 2025.

CORAZZA, S. M. **A diferença, uma didática**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/93byYj94gJS86N7dDtLyk6J/?format=pdf> . Acesso em: 29 jun. 2025.

CORAZZA, S. M. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Porto Alegre: Sulina, 2002.

CORAZZA, S. M. **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisá; UFRGS, 2017.

CORAZZA, S. M. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vbryMCqrWW/kVFdQkJH9QnD/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 28 set. 2024.

CORAZZA, S. M. O sonho da docência: fantástico tear. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 32, p. 5–24, 2021.

CORAZZA, S. M. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e169875, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/83mPDtP5xnCmMDF4tJch9RH/> . Acesso em: 30 jun. 2025.

CORAZZA, S. M. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 105–122, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642420> . Acesso em: 27 out. 2024.

CORAZZA, S. M. Tocar o futuro em seu lado de cá: tradução em Sandra Mara Corazza. **Educação & Realidade**, v. 47, 2022. Disponível em: SciELO. Acesso em: 25 maio 2025.

CORAZZA, S. M. Ultrapassar a lógica totalizadora, redutora e racionalizadora do conceito colocando-o para funcionar, também, como força empírica; um gesto sempre inacabado como é a vida. **Revista Por Escrito**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 51–56, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/17787/12796> . Acesso em: 26 ago. 2025.

CORAZZA, S. M.; OLEGÁRIO, F. Ler e escrever arquivos: uma prática tradutória em educação. **Perspectiva**, v. 37, n. 127, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/54650> . Acesso em: 30 jun. 2025.

CORAZZA, S. M.; RODRIGUES, C. G.; HEUSER, E. M. D.; MONTEIRO, S. B. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 1029–1044, out./dez. 2014.

CORAZZA, S. **Os cantos de Fouror**: escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina; EDUFRGS, 2008.

CORAZZA, S. M. (Org.). **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432022000100402#fn03 . Acesso em: 15 set. 2025.

COSTA, C. B. da. **Corpo em obra**: palimpsestos, arquitetônicas. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CUNHA, C. M. (Org.). **Cartografia**: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira et al. São Paulo: 34, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, G. **Cinema 1**: a imagem-movimento. Tradução de Stella Senra. 1. ed. São Paulo: 34, 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DINARTE, L. D. R.; CORAZZA, S. M. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. **Educação e Formação**, v. 1, n. 2, p. 135–148, 2016. DOI: 10.25053/edufor.v1i2.1618.

DRUMMOND DE ANDRADE, C. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1945.

FARINA, C.; MARTINS, R. V. R. O idiota e o nômade. **Revista Partes**, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2013/10/25/o-idiota-e-o-nomade/> . Acesso em: 14 set. 2025.

FREITAS, A. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: CosacNaify, 2012.

HAN, B.-C. **A sociedade do cansaço**. São Paulo: Vozes, 2015.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. São Paulo: Cortez, 1971.

IVÁNOVA, A. **O martelo**. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.

KREMER, N. **Antes que o Torpor Vença**. São Paulo: Pátua, 2024.

KREMER, N. Carta aos meus alunos. Opinião. **Pioneiro**, Caxias do Sul, p. 12, 22 abr. 2020.

KREMER, N. **Livro cartonero Kamikaze**. Disponível em: <https://issuu.com/nil975/docs/kamikaze> . Acesso em: 14 set. 2025.

KREMER, N. Quem está do nosso lado? Opinião. **Pioneiro**, Caxias do Sul, p. 3, 30 abr. 2025.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LOURO, G. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Dossiê Gênero e Educação – **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 6, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkJT9BXvLXvTvHMr/?lang=pt> . Acesso em: 15 set. 2025.

MAGALHÃES, D. **Vingar**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2021.

MANSANO, S. R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2025. Disponível em: <https://share.google/C3kRsaBC63dX874mz> . Acesso em: 14 set. 2025.

MARQUES, A. M. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, M. B. de M. A representação do estado patriarcal no livro O martelo de Adelaide Ivánova. **Opiniões**, n. 18, p. 448–465, 2021. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181326. Disponível em: <https://revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181326> . Acesso em: 8 set. 2025.

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos; MATOS, Sônia Regina da Luz. **Literatura-se: uma escrita acadêmica em educação**. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RAMOS, Flávia Brocchetto (org.). Partilhando pesquisas em tempos de recomeço. Caxias do Sul: EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2024. E-book. DOI: 10.18226/9786558074151.

MATOS, S. R. L. Escrivência e escritura. In: 17º Congresso de Leitores do Brasil, 2009, Campinas. **Anais...** Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP/FE, 2009. p. 643. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_1818.pdf . Acesso em: 28 set. 2024.

MOVIMENTO BRASILEIRO INTEGRADO PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA – MOBILE. Secretaria de Cultura altera obra de arte por seu conteúdo político sem a autorização da artista. Caxias do Sul, 9 jan. 2019. Disponível em: <https://movimentomobile.org.br/caso/secretaria-de-cultura-altera-obra-de-arte-por-seu-conteudo-politico-sem-a-autorizacao-da-artista/> . Acesso em: 13 out. 2024.

MUNHOZ, A. V.; OLEGARIO, F.; RIBEIRO, I. W. (Org.). Ensino, educação. **Estudos Feministas**, p. 541–553, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHM/r/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 out. 2024.

MUTANTES. Sala de Jantar. In: **A divina comédia ou ando meio desligado**. São Paulo: Polydor, 1968. Faixa: 6.

NODARI, K. E. R.; OLEGÁRIO, F.; CORAZZA, S. M. Entre procedimentos e roteiros didáticos de tradução: condições de invenção em uma aula de escrita fabuladora. **Linha Mestra**, v. 43, p. 19–28, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/1980-9026A2021N43P19-28> . Acesso em: 15 set. 2025.

PAZ, O. Conversar. In: PAZ, Octavio. **Obras completas**. Obra poética II: 1969–1998. Árbol adentro: 1976–1988. Tomo XII. 1. ed.

POCHAPSKI, G. J.; BRITO, F. L. C. B. Corpo, acontecimento e diferença: Deleuze e Guattari e a historiografia. Uma entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior. **História Unisinos**, v. 24, n. 1, p. 149–156, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5798/579865458013/html/> . Acesso em: 14 set. 2025.

REIS, M. dos. Errância da brevidade poética no sonho-educação. **LANDA**, v. 10, p. 89–116, 2021.

SALGUEIRO, W. C. F. Drummond em três tempos. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reel/issue/view/260> . Acesso em: 25 ago. 2025.

SANTAELLA, L. Transcriar, transluzir, transluciferar: a teoria da tradução de Haroldo de Campos. In: MOTTA, L. T. da (Org.). **Céu acima**: para um “tombeau” de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 221–232.

VALÉRY, P. **Variedades**. Illuminuras, 2007.

VALÉRY, P. **Lições de poética**. Tradução de Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2025.

ZORDAN, P. Arte com Nietzsche e Deleuze. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 261–272, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129242/000561839.pdf> . Acesso em: 20 out. 2024.

ZORDAN, P. Máquina de guerra em dez aforismos. **Carbono: natureza, ciência e arte**, v. 6, p. 1–10, 2014. Disponível em: <https://revistacarbono.com/artigos/06maquina-de-guerra-paola-zordan/> Acesso em: 20 out. 2024.

ZORDAN, P. **Educar com poesia**: malha em carne, vida institucional. 1. ed. Porto Alegre: Indepin, 2014.